



O DESIGN PEDE PASSAGEM

DE MADEIRA A CAPIM-DOURADO, PASSANDO PELO SISAL E FIBRA DE BANANEIRA, FABÍOLA BÉRGAMO É A CONHECIDA MESTRA DOS ARTESÃOS EM DIFERENTES COMUNIDADES DO PAÍS. POR CARLA GAVILAN

Com uma assinatura sem frescuras ela é um dos nomes mais respeitados da produção contemporânea de design no Brasil. Em seu percurso, produções com Studio de Michael Arpe, na Alemanha, Alquimia, Arduini e Creature Design, na Itália; mostras no Museu da casa Brasileira, em São Paulo e Brasil Design, em Hannover, além de importantes premiações como a do Planeta Casa Ação Social e IF Material Award. Mas é longe dos ateliês, museus e escritórios que Fabíola Bérgamo tem mostrado ao mundo como a capacidade de criação não se limita à economia.

Sua formação é em Desenho Industrial com mestrado pela Domum Academy, em Milão. Como é levar tantas experiências profissionais e artísticas às comunidades onde você realiza oficinas de artesanato?

Na verdade eu não levo as experiências eu "me levo". Já fiz muitas coisas, atuei em várias áreas e vivi e trabalhei em vários países (Itália, Alemanha, México). Penso que isso me tornou uma pessoa mais flexível, capaz de entender e lidar com realidades diferentes, respeitando o que é específico de cada lugar e sabendo olhar o que é mais importante e precioso.

Sempre se interessou por artesanato?

Nunca tinha pensado em projetar para o artesanato, mas tenho um amigo que me introduziu nessa área, em 1996. Desde então me apaixonei por esses projetos. Nesses 14 anos visitei inúmeras comunidades, em locais que eu dificilmente iria se não fosse chamada. Tive a oportunidade de vivenciar este Brasil tão plural, com suas várias matérias-primas, técnicas e referências culturais. A grande lição foi entender que a miséria financeira não tem nenhuma relação com a miséria de espírito.

Quais são os desafios em trabalhar com artesanato nos dias atuais?

O maior desafio é a responsabilidade pela intervenção, uma intervenção equivocada pode prejudicar uma técnica tradicional, pode trazer conflitos entre os artesãos ou pode causar problemas ambientais quanto ao uso indiscriminado das matérias-primas naturais.

Esta é a Terceira Bienal Brasileira de Design, que acontece em Curitiba. Alguns especialistas falam que este é o melhor momento do design no país, você concorda?

Fazer design no Brasil hoje é muito mais fácil sim. Não se tinha informação sobre design, não sabíamos quem atuava na área, salvo

algumas exceções, as indústrias brasileiras não tinham a menor idéia do significado e da importância desta ferramenta. Foi um longo período de divulgação e conscientização que começa a dar seus frutos.

Independente do trabalho que realizar, existe algo que mantém como prioridade?

Eu prezo muito a originalidade nas peças que faço, como pequenos manifestos, procuro dizer algo através das peças. Busco fazer peças que por meio do uso das matérias-primas e de técnicas mais "preciosas", possam ser menos descartáveis.

No mundo globalizado em que vivemos muitos conceitos mudaram, entre eles está o conforto. Como pensa o conforto em suas produções?

O conforto para mim é fundamental e do ponto de vista prático, concreto, sempre respeito os fundamentos da ergonomia em meus produtos, mas existe também o lado sensorial do conforto que vai além de normas e padrões. Penso que o usuário precisa perceber o conforto, sentir o conforto de várias maneiras, não só pelo uso específico do produto.